

NECROLÓGIO

DR. ALFREDO BLUTH

DISCURSO PRONUNCIADO PELO DR. THOMAZ POMPEU ROSSAS, NA SOCIEDADE BRASILEIRA DE LEPROLOGIA

Senhor Presidente
Meus Senhores
Caros Colegas

Não há palavras que sejam capazes de retratar um grande médico. Nenhum orador ainda que de largos recursos, servido das graças da imaginação e da mais destra inteligência, alcança objetivar o que em si mesmo é abstrato: a sublime grandeza de um homem que devotou a vida, todos os seus peregrinos dotes de espírito e coração, à benfazeja arte de curar. E por ser assim, pela inutilidade de vãos oratórios em assunto desta monta, qualquer discursador improvisado, sem estro nem colorido, como o que ora vos fala, serve para evocar o vulto excelso do colega querido que aqui viemos prantear juntos, em momento de profunda tristeza para a nossa Associação, envolta em espesso e amargo luto pelo desaparecimento de Alfredo Bluth.

Quis o nosso preclaro Presidente que fôsse eu, porque mais estreitamente convivi com o Bluth, que dêle mais dissesse nesta sentida homenagem que tributamos à sua saudosa memória. Mas como modular a voz para uma prece quando a tenho embargada pela emoção do doloroso acontecimento daquela madrugada de 29 de setembro? Não decorreram sequer duas semanas. O tempo não passou com seu "tacito pede" para desanuviar a mente e com a distância abrir-lhe perspectivas à recordação. Ainda não concebo que, haja o Bluth empreendido a grande viagem da qual nunca se regressa. Antes imagino, no meu aturdimento, que apenas se tenha ausentado numa simples jornada de serviço, como fez tantas vêzes, quando, sem preocupações regionalistas, costumava o Serviço Nacional de Lepra despachar pelo Brasil a fora os seus técnicos mais qualificados.

As ilusões apenas disfarçam, mas não mudam a realidade dos fatos, que é certo, infelizmente, é que perdemos para sempre nosso dileto amigo e valoroso companheiro que, desta feita, partiu para não mais voltar. Partiu sem que ao menos lhe pudéssemos prestar em seus derradeiros instantes a nossa desvelada assistência; porque partiu inopinadamente. Eu diria, discretamente, como para nos poupar da penosa despedida. E como não lhe víssemos apagar-se a chama da existência, dele guardaremos uma impressão de vida, a imagem de Bluth na plenitude da sua inteligência, saber e mesmo ação, qualidades que, possuindo em tão elevado grau, temperava de um grande idealismo, orientando-as para generosos desígnios. Foi assim que o tivemos em nosso último encontro, quando, bem próximo do fim, do qual o separavam poucas horas, ele nos transmitia boa doutrina científica, em memorável alocação de persuasiva serenidade.

A maneira por que deliberamos interromper e encerrar o magnífico simpósio sôbre BCG promovido por esta Associação Brasileira de Leprologia, dá-nos a medida do nosso entranhado respeito pelo seu excepcional valor. Foi uma consagração que só mesmo poderia receber quem tivesse o seu porte moral e intelectual, pois se tratava de uma reunião que, ao lado de distintos Colegas

de outros Estados, congregava num trabalho afanoso e sério nos propósitos, promissor de resultados da mais alta importância médico-sanitária, especialistas do Rio e São Paulo, êsses dois grupos que têm dado sentido e substância à leprologia brasileira.

Êle, estou certo, desaprovava o que fizemos e o que estamos fazendo. Haveria de compreender e aceitar de bom grado, porque era nosso verdadeiro amigo o conteúdo de sincera estima destas manifestações; mas reprovava o que das exprimem de culto aos seus merecimentos.

Era sábio, não apenas médico erudito e seguro na profissão. Dispunha de vasta ilustração que abrangia, além dos domínios biológicos, cultura literária, artística e filosófica. Tinha um vigoroso senso de dignidade e era benigno, desambicioso, magnânimo. Com tais e tamanhos predicados, teria de ser modesto e, de conseguinte, avêso às honrarias. Evitou-as sempre, e constrangia-se quando se procurava assinalar que fôsse um fato qualquer de sua carreira. A simplicidade e inteireza de seu caráter levaram-no a aborrecer e desprezar a fama, essa coisa que se tornou de pouco preço, tão cortejada anda pela vulgaridade.

Agora que já não podemos ferir o seu recato, é para nós um dever sagrado prestar-lhe o nobre preito de uma imorredoura admiração.

Todos lhe devemos muito: os que desfrutamos da sua amizade e dêle recebemos valiosa ajuda e preciosos ensinamentos; os numerosos enfêrmos de que cuidou com extremada dedicação e competência; esta grande pátria nossa, que adotou, amou e serviu com tanto préstimo. Também não lhe pode recusar créditos a ciência leproológica, para a qual contribuiu com suas pesquisas e abalizado tirocínio.

A vida de Bluth estêve intimamente ligada à sua carreira profissional, à qual consagrou o melhor do seu tempo e de suas energias.

Fêz sua formação na Alemanha, sua terra natal, e foi assistente graduado na clínica dermatológica do eminente professor Unna, de Hamburgo.

Por volta de 1934 veio para o Brasil, país do qual adquiriu cidadania e onde desempenhou relevantes missões, tôdas elas ligadas à profilaxia da lepra. Dirigiu sucessivamente e por espaço de dezoito anos, as Colônias do Prata e Tavares Macedo, revelando-se não sômente especialista consumado e habil clínico mas também exímio administrador. Nenhum outro diretor de leprosário entre nós, terá sido melhor, mais idôneo e abnegado do que ale foi, e bem poucos lhe serão comparáveis.

Nos quatorze anos que permaneceu no Pará, criou em tôrno de si um núcleo de jovens leprologistas que lá continuaram a sua obra de assistência aos doentes e combate ao mal de Hansen.

Outros inumeráveis colegas recolheram suas doudas lições em cursos oficiais de leprologia de que foi professor, aqui no Rio e nos Estados.

Em 1952, havendo perdido a direção do leprocômio fluminense, por uma dessas investidas da politica partidária nas organizações técnicas, tão comuns em nosso meio, seguiu para Hamburgo, onde pouco se deteve. Não obstante se encontrar em seu ambiente de origem e da favorável colocação em clinica rendosa, que então conseguira, assaltou-o de pronto a nostalgia do Brasil que considerava sua verdadeira pátria.

Regressou no mesmo ano, sendo admitido ao Serviço Nacional de Lepra, com exercício no Instituto de Leprologia, onde se entregou a pesquisas terapêuticas.

Posteriormente, quando o Serviço estêve sob a imediata responsabilidade de seus próprios técnicos, foi dos que mais colaboraram na radical transformação por que passou a mesma entidade, tanto em sua estrutura e regime de trabalho, como no que tange à nova politica profilática que implantou no país e que ainda hoje se procura seguir. Naquele período de intenso, metódico, original e avantajado labor, realizado silenciosamente e sem considerações de outra ordem que não as do superior interêsse de um esforçado e bom combate à grave endemia leprótica no território brasileiro, ninguém excedeu o Bluth,

que era, na verdade, uma das figuras centrais da nossa "equipe". Participou de tôdas as atividades de planejamento, organização comando e contrôle e coube-lhe especificamente a difícil e importantíssima função de coordenador dos nossos trabalhos, e da qual se desincumbiu com sua habitual superioridade.

Êsse homem que foi tão útil e tão bom, viveu e morreu pobre. Nada deixou em bens materiais. Mas legou aos que o conheceram e aos que lhe foram caros, o tesouro inestimável do seu grande exemplo.

O seu nome talvez se perca no passar dos anos, não resistindo ao indiferentismo com que o mundo trata os que lhe foram mais prestantes e com seus feitos mais beneficiaram o patrimônio comum da humanidade. Não será, seguramente, esquecido por seus amigos e companheiros de lutas e ideais, que dele se lembrarão sempre com afetuosa saudade. Nem o olvidará sua distinta família, que lhe proporcionou os momentos mais felizes de sua vida, e em face da qual eu me curvo reverente, apresentando-lhe em nome de todos os colegas do Bluth a expressão da nossa mais sincera simpatia e solidariedade.

Senhores:

A morte não sela o destino do homem. Se o seu corpo reintegra-se na natureza, segundo as conhecidas leis de circulação da matéria, o espírito, que com êle se não pode encerrar na estreiteza de um túmulo, nem aí desagregar-se como as células, eleva-se inteiriço àquelas regiões ignotas do infinito, que a mente humana apenas entrevê e onde necessariamente habitam os entes imortais. Lá, têm os justos a recompensa da paz eterna, e entre ales se encontra o nosso Bluth.

NECROLÓGIO

IRMÃ MARIE SUZANNE

Faleceu em Lyon, após curta enfermidade, Irma, Marie Suzanne, Chefe do Laboratório de Pesquisas sôbre Lepra da Faculdade Católica de Medicina de Lyon. Irmã Marie Suzanne foi durante 25 anos — 1911 a 1935 — enfermeira do Leprosário de Makogai, nas Ilhas Fidji, no Pacífico Sul. Depois, durante 4 anos estagiou na Secção de Lepra do Instituto Pasteur de Paris, realizando estudos e pesquisas sôbre Lepra. Em 1944, instalou-se na Faculdade Católica de Medicina de Lyon onde continuou, durante 14 anos, pacientemente, seus trabalhos, buscando sempre a possibilidade de cultura do bacilo de Hansen, tendo conseguido de tecido leproso uma mycobactéria ácido-resistente que, inoculado no rato, produziu lesões análogas às produzidas com o bacilo de Hansen, apresentando igualmente a capacidade de reversibilidade da lepromino-reação entre os ratos inoculados ou vacinados. Essa mycobactéria ácido resistente ela a denominou de Mycobactéria "Marianum", em honra à Santa Virgem. No Congresso Internacional de Lepra de Madrid, apresentou seu trabalho que foi objeto de grandes discussões, tendo havido grande publicidade. Já então experimentada no homem como tratamento e prevenção, hoje, para mais de 448.000 doses de vacina foram enviadas gratuitamente ao mundo inteiro. O resultado dessa experimentação será brevemente dado à publicidade, num trabalho em preparação e no qual dedicou seus últimos anos.

Três produtos obtiveram aprovação do Govêrno Francês para emprêgo:

Antígeno Marianum S.M. S.M. para terapêutica;

Vacina antileprosa S.M. S.M. para profilaxia;

Marianine S.M. S.M. para teste.

Foi uma vida dedicada inteiramente à caridade, ao bem do próximo, dentro de um espírito de pesquisa, de trabalho de Laboratório, com constância e paciência beneditinas, que afinal se concretizou com a descoberta de uma terapêutica e de uma profilaxia específicas. Oxalá o tempo se encarregue de confirmar as grandes esperanças de Irmã Marie Suzanne em benefício da humanidade.